



O DESENHO NA INFÂNCIA, UMA VIAGEM AO UNIVERSO DE TIM BURTON

VANESSA P. ALVES¹; CAROLINE LEAL BONILHA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessaflorentino44@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Inspirado pela minha experiência enquanto bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O presente trabalho tem o objetivo de investigar a influência das relações culturais no processo de aprendizagem do desenho na infância do cineasta estadunidense Tim Burton. Contribuindo para a formação de arte-educadores e a construção de didáticas que incentivem o relacionamento dos estudantes com o desenho, por vezes limitado à ideia do “dom” e espontaneidade.

Em meados do século XIX o pensamento da Escola Tradicional foi base da pedagogia no Brasil, onde, no âmbito do ensino de artes visuais o desenho era estudado em sala de aula mediante à regras técnicas de geometria e realismo neoclássico. Ou seja, o aluno não tinha espaço para trabalhar com temáticas individuais, narrativas infantis, suas produções de desenho eram limitadas a cópias fidedignas de imagens disponibilizadas por seus professores. A ruptura dessa ideologia ocorreu a partir do “III Congresso Internacional do Desenho” (1908) em Londres, com objetivo de discutir a formação profissional de artistas e professores de artes.

Foi neste congresso que Georg Kerschensteiner — o qual, segundo Piaget & Fraisse (1969), publicou uma das obras mais importantes sobre o desenho infantil em 1905, em Munique, antecedendo a publicação de Luquet, em Paris, e de Rouma, em Bruxelas, ambas de 1913 — refletiu sobre a capacidade de expressão gráfica. Além dele, sobressaiu a figura de Sorlau, que destacou o papel do desenho incluindo sua importância o ensino superior. (IAVELBERG, R., 2006, p.18)

Assim, ao final do século XIX e início XX temos autores modernistas estudando o grafismo infantil com ênfase no psicológico, genética e autoexpressão das crianças. Origina-se a Escola Renovada que desenvolve a aprendizagem do desenho de maneira livre, criativa e imaginativa. Evitando a influência adulta, centrando-se no processo artístico do indivíduo e suas relações com a exploração de diferentes materiais de modo espontâneo. Posteriormente os estudos de Brent & Marjorie Wilson (1987) analisaram a intervenção cultural no desenho infantil, indicando variações em suas produções de acordo com o período histórico e regiões geográficas diferentes que as crianças habitavam como também a influência da arte local.

Desse modo, o desenho espontâneo da criança, concebido na modernidade, dá espaço ao desenho cultivado (IAVELBERG, R, 1995), [...] reorientando a visão que se tem das produções infantis, as quais hoje podem ser ressignificadas, incluindo os avanços teóricos do ensino da arte e da educação. (IAVELBERG, R, 2006, p.26)



2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada a partir da análise do livro “O desenho cultivado da criança: Prática e formação de educadores” (2006) da professora pesquisadora Rosa Iavelberg, relacionando a um apanhado de entrevistas que o cineasta Tim Burton realizou ao longo de sua carreira a fim de investigar suas referências culturais e o papel do arte-educador no desenvolvimento do desenho infantil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Rosa Iavelberg define a aprendizagem do desenho cultivado por meio de momentos conceituais (Ação, Imaginação I e II, Apropriação e Preposição) que representam o diálogo que a criança tem com a diversidade cultural de seu meio e situações educativas que demonstram transformações em seu nível de menor para maior saber desenhista, obtido através das interações conjuntas com sua própria produção, a de seus colegas, como também a produção sócio-histórica de diversas épocas e contextos culturais. O conhecimento técnico é aliado ao fazer expressivo

O momento conceitual final é o de “PREPOSIÇÃO” onde o desenhista consegue evidenciar seus sentimentos com diversas técnicas e modalidades de desenho, uma linguagem possível de expressar o que quiser, a fim de construir sua identidade artística ao longo de sua vida. Ao qual Tim Burton encontra-se.

Um solitário menino nascido em 25 de agosto de 1958 no subúrbio de Burbank, Califórnia, Timothy William Burton saia da escola, direto para frente da televisão. Era viciado em filmes de horror e ficção científica de baixo orçamento dos anos 50, animações e novelas góticas americanas como “Dark Shadows” (1966), assim como a leitura dos contos de terror de Edgar Allan Poe. Os monstros Drácula, *Frankenstein*, Godzilla faziam parte do cotidiano do garoto fã de Vincent Price, que já se expressava com desenhos. Segundo o cineasta, “Quantas coisas vemos quando somos crianças e permanecem com a gente... e passamos uma boa parte da vida tentando recapturar essas experiências.” (BURTON; WOODS, 2011, p.7)

Aos 13 anos começou a filmar curtas-metragens brincando com sua câmera Super-8 pelo pátio de sua casa e as vezes no cemitério local. O máximo que Burton teve de oportunidade de visitar uma exposição na adolescência foi o Museu de Cera de Hollywood, não possuía conhecimentos acadêmicos sobre história da arte, mas apreciava as pinturas de Basil Gogos e Margaret Keane. Ainda assim, ao término do ensino médio foi contemplado pela Disney com uma bolsa de estudos no Instituto das Artes da Califórnia em Valencia, onde cursou animação e posteriormente foi contratado como aprendiz do *Walt Disney Studios*, trabalhando no filme “O Cão e a Raposa” (1981). Época em que o artista relembrava com frustração, pela obrigação de usar uma estética pela qual não se identificava. Em uma entrevista para o Canal Arte1 reconhece a importância que alguns professores tiveram para seu desenvolvimento artístico:



Eu não acho que tenha um estilo ou coisa parecida. Eu apenas... Tive bons professores que me inspiraram. Especialmente quando você trabalha na Disney você é forçado a desenhar de uma determinada maneira... Mas eu não consegui. Eu tive alguns professores que disseram: "Apenas seja você mesmo. Não pense num estilo." (BURTON, 2016)

Em 1982, junto ao produtor Rick Heinrichs, Burton dirigiu seu primeiro curta-metragem de animação em “*stop-motion*” (técnica pela qual é amplamente reconhecido), “*Vincent*” (1982) foi originado a partir de um poema escrito por ele e narrado por seu ídolo Vincent Price, contando uma história de forma autobiográfica, de um garoto de 7 anos amante do terror e da ciência.

No ano de 1999 é lançado “*Edward Mãos de Tesoura*” (1999) filme que conta a história de uma criatura inacabada (Johnny Depp), pois seu criador (Vincent Price) falece antes de colocar mãos humanas no lugar de suas tesouras. Em que ao ser descoberto por uma vendedora de cosméticos (Dianne Wiest) tem problemas na sua integração em sociedade, apesar de seu “bom coração” ele não consegue tocar nas pessoas sem machuca-las, sofre preconceito e fetichização por suas diferenças com os demais moradores do subúrbio, tornando-se uma “aberração”.

A ideia surgiu de um desenho que fiz há muito tempo, uma imagem que me agradava muito. Surgiu inconscientemente e estava ligada à ideia de uma personagem que quer tocar nas coisas, mas não consegue, que é simultaneamente criadora e destruidora. Indubitavelmente, esta imagem surgiu na adolescência: é um período em que tinha a sensação de não conseguir comunicar. É um sentimento comum a essa idade: a ideia de que a nossa imagem e o modo como as pessoas a vêm não tem nada que ver com o nosso verdadeiro “eu” interior... (BURTON; FERENCZI, 2008, p.42).

Continuando nos anos 90, Burton publica “*The Melancholy Death of Oyster Boy & Other Stories*” (1997). No Brasil intitulado como: O triste fim do pequeno Menino Ostra e outras histórias (2014), reunindo diversos poemas ilustrados com personagens infantis estranhos e deslocados do meio em que vivem. O “Menino Robô” (*Robot Boy*) passou a infância sendo rejeitado por sua família, devido a sua aparência, e mesmo após adulto ainda era “confundido com a lata de lixo da garagem”. Já “Breno, o Menino Veneno” (*Roy, the Toxic Boy*) era considerado horrível por todos, gostava de brincar com fumaça de cigarro, amoníaco, amianto, até que um dia o colocaram para tomar ar fresco em um jardim, e assim “Breno” faleceu com o corpo pálido, duro e seco. O protagonista desse livro “Menino Ostra” (*Oyster Boy*) foi morto e devorado por seu pai devido a recomendação médica de que ostras são afrodisíacas, a fim de terem um novo filho, mas dessa vez “normal”.

4. CONCLUSÕES

O trabalho da autora Rosa Iavelberg é incisivo em demonstrar a importância da orientação pedagógica adequada para o não bloqueio da ação de desenhar, opondo-se a ideia da Escola Renovada de que esse bloqueio é obtido a partir da influência da estética adulta. Contribuindo para a formação de arte-educadores que estudem o desenvolvimento do desenho infantil por meio de momentos conceituais que demonstram a inevitável interação da criança com



seus pares, assim como a estética adulta e a cultura local e global em suas produções. O trabalho literário e cinematográfico de Tim Burton evidência a contribuição dos referenciais artísticos, e ambiente que vivera na infância, questionando “o padrão de normalidade” dessa sociedade que exclui e julga como “aberrações” pessoas simplesmente diferentes das demais, seja por aparência ou dificuldades de comunicação. Os monstros dos filmes que assistia quando garoto parecem mais humanizados do que as pessoas da vida real.

Desse modo, o PIBID Artes Visuais é legitimo em gerar discussões a respeito das problemáticas do ensino da arte em âmbito escolar. O processo de aprendizagem do desenho necessita da junção de teoria e prática a fim de se chegar ao domínio da expressividade. É essencial que o professor construa uma bagagem cultural ao longo de sua formação para mediar o trabalho de seus alunos que posteriormente construirão sua identidade artística, assim como no caso de Tim Burton.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A WOODS, Paul. **O Estranho Mundo de Tim Burton**. 1. ed. São Paulo: Leya, 2011. 336 p. v. 1. ISBN 978-85-8044-026-3.

BURTON, Tim. **O triste fim do pequeno Menino Ostra e outras histórias**. 3. ed. São Paulo: Girafinha, 2014. 128 p. ISBN 978-8564127029.

FERENCZI , Aurelien. **Masters of Cinema: Tim Burton**. 1. ed. Nova York: Phaidon Press, 2010. 103 p. ISBN 978-2866425685.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança : Prática e formação de educadores**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2006. 112 p. v. 1. ISBN 978-8588840805.

IAVELBERG, Rosa; CHUI DE MENEZES, Fernando. De Rousseau ao Modernismo: ideias e práticas históricas do ensino do desenho. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, ano 11, ed. 21, p. 1-16, 1 mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/yTwWf3xXZXvPmf4scz5Wy9H/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

TIM BURTON, ENTREVISTA ARTE1. Direção: Gisele Kato. Produção: Iano Coimbra. São Paulo: Grupo Bandeirantes de Comunicação, 2016. Disponível em: <https://arte1play.com.br/viewerMedia/2668/18738>. Acesso em: 16 jul. 2021.